

LOCA — TÁ GO

EXPOSIÇÃO

EM TERRA DE GIGANTES E DRAGÕES VOADORES

JOSÉ CARLOS BARROS

25 JAN - 24 FEV 2023

ESPAÇO GARRETT - ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



POLITÉCNICO
DE LISBOA



ESPAÇO
ARTES
POLITÉCNICO DE LISBOA



ESELX



ESTC
ESCOLA SUPERIOR DE
TEATRO E CINEMA

ESTRADA DE BENFICA, 529, 1549-020 LISBOA



APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO “EM TERRA DE GIGANTES E DRAGÕES VOADORES”

Com esta diversificada mostra, rendo homenagem à Escola Superior de Teatro e Cinema e a dois Professores a quem devo todo o meu percurso artístico e profissional.

À Escola de Teatro que me formou num tempo de transição entre a ditadura e a democracia, inculcando a liberdade criativa aos alunos, embalada por uma igualdade social, sem paralelo no ensino universitário da época.

Ao esquecido Cristian Ratz, meu Professor de Cenografia nesta casa, de quem recebi: o constante anseio “do questionar estético do palco”; que a cenografia se aprende, sobretudo, estudando as montras do comércio e o reflexo nos seus vidros do bulício citadino; que o rigor na construção da maquete, depois de “entendido” o texto dramático e “ouvido” o encenador é o sopro para um êxito; que após o termo de um espectáculo teatral, qualquer preservação de memória imagética (fotografias ou maquetas), são aberrações sobre o acontecido em palco, funcionando tão só como devaneio (do meu trabalho como cenografista, apenas uma maquete sobreviveu, com um lamento profundíssimo pela sua existência).

Ao Carlos Cabral, um Homem inconformado com a estupidez que grassa pelo Mundo, extravasando-lhe na aposentação a hilariante indecência, lhe devo o conhecimento profundo do espaço cénico, do labor dos títeres e do rigor da marcação em palco. A par, herdei o seu entusiasmo em acreditar nos alunos estendendo-lhes a mão na cumplicidade artística, no prazer em partilhar projectos e na satisfação por assistir ao voo profissional dos seus discípulos, não esquecendo o prazer por me permitir uma amizade profunda há mais de meio século.

A exposição divide-se em três propósitos:

- 1 - A observação da “cena” pública, através da pintura.
- 2 - As marionetas como impulso para a tecnologia de materiais.
- 3 - A longevidade do legado.

Do primeiro propósito, um pouco da história da pintura para compreender os espaços onde decorriam as acções, os costumes das épocas, os comportamentos, etc. Foram maquetas construídas a partir de pinturas, destinadas a estudos prévios no auxílio à docência da disciplina de Espaço Cénico. Tocam os principais momentos das transições na história das mentalidades, reconhecendo-se: o pensamento medieval, antes da pintura de cavalete, com as Cantigas de Santa Maria, do castelhano Afonso X, avô do nosso rei D. Dinis; o pré-renascimento com os rudimentos da perspectiva na “Vida da Virgem”, do cenarista Giotto di Bondone; o esplendor da perspectiva com o “Casamento de Arnolfini”, a pintura dentro da pintura com “Las Meninas”, de Diego Velasques; o início do século XX e a industrialização da moda com “Vestidos Simultâneos” da Sónia Delauney; e o vertiginoso contemporâneo, nos conflitos que abarcam a sociedade, na “Família”, de Paula Rego.

Do segundo propósito, mostrar a diversidade dos materiais empregues na construção das marionetas, as tecnologias nas assemblagens, os mecanismos de articulação, a diversidade nas manipulações das marionetas e, sobretudo, a previsível utilização dos materiais e ferramentas para execução dos objectos aqui apresentados.

Do terceiro propósito, a previsão da longevidade do legado das marionetas de cada autor, não apenas como objectos museológicos mas, sobretudo, como incentivo para a dinâmica criativa das populações, numa área que devia ser praticada por toda a infância e adolescência nos estabelecimentos de ensino.

A Exposição encontra-se em três espaços simultâneos:

Na Escola Superior de Teatro e Cinema, mostrando as maquetas de estudo para a disciplina de Espaço Cénico, Marionetas e Joalheria (os “adereços de figurino” perderam-se na cena e, em substituição, ficam estes exemplos construídos para o “Teatro do Mundo”), constituindo o núcleo virado para a tecnologia de materiais.

Na Sala de Exposições do Instituto Politécnico, local dado à amostragem de marionetas, máscaras e objectos indiferenciados.

No Museu Nacional do Teatro e da Dança, um Retábulo de Marionetas metálicas, meia dúzia de Máquinas de Cena para a rua e uma Máquina de Ventos para sonoridades em palco, esperam por visitantes durante todo o ano.

Por fim, incentivar a que os alunos da ESTC descubram novas maravilhas técnicas e artísticas.

José Carlos Barros

Em Janeiro de 2023.

O MALABARISTA

Conheci o Barros quando era aluna do primeiro ano na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Foi dar uma aula sobre teatro e a presença quixotesca conquistou a turma. Eu e duas amigas fomos, sem marcação, procurar o Barros ao Teatro da Trindade, instituição de que era, então, director. A nossa possível inconveniência foi, curiosamente (!) acolhida e o Barros passou uma tarde connosco: fez-nos uma visita guiada, demorou-se nos vários detalhes, misturou narrativas históricas com explicações sobre o palco e a maquinaria, e partilhou memórias vividas naquele espaço. Desde essa tarde, voltei a fazer algumas viagens ao Teatro da Trindade conduzidas pelo Barros e, em cada uma, fortalece-se a imagem de um “mestre”, detentor de conhecimentos muitíssimo específicos que, porque se construíram a partir da experiência e da sua observação da História, muito dificilmente podem ser rigorosamente transmitidos.

Passaram uns anos; terminei os estudos na FBA e, por coincidência, comecei a trabalhar com o Barros na companhia Criadores de Imagens. Foram tempos incríveis – o Barros ensinou-me a particularidade da pintura para a cena e percebi que a “imagem Barros” coincidia com o processo de trabalho real, muito próximo do das oficinas dos mestres. Aprender com o Barros é partilhar a oficina com o Barros, ver como pensa e constrói cada engenhoca, cada mecanismo, sempre singular e feito, especialmente, para resolver uma dada situação. O Barros é muitas coisas: cenógrafo, aderecista, marionetista, técnico especialista, etc., etc. Mas, acima de tudo, é um fazedor de objectos. É o objecto que merece toda a sua atenção e é, igualmente, o objecto que contém as possibilidades de acção. Isto é mais que dizer que as marionetas são o seu universo de eleição – os objectos vivos são

o seu universo de eleição, cheios de mágicas, transformações e sonoridades. Os objectos prescindem do manipulador.

Ao longo do tempo em que trabalhei com o Barros, a oficina era o centro da criação. Nessa oficina, sempre vi o Barros rodeado por jovens, alguns com quem trabalhava, outros a quem cedia o espaço, os materiais e as ferramentas, bem como a orientação, para desenvolverem os seus projectos. Neste espaço cheio de pessoas, na sua maioria muito jovens, o Barros era o mais jovial, na ininterrupta produção de anedotas, na inventividade e, até, na forma despreocupada e arriscada com que se dedicava fisicamente ao trabalho, como um malabarista.

Continuei a trabalhar com o Barros, agora na escola. Última memória: o Barros sabe deixar as pessoas ir e deixar o tempo ir, sem angústia. Talvez aí resida a grande contemporaneidade do José Carlos Barros, o mestre com um pé no imaginário medieval que encanta o público, os alunos e os que com ele se cruzam.

Marta Cordeiro

Em Janeiro de 2023.

ROMARIAS COM O MESTRE BARROS

Conheci o José Carlos Barros em 2001 quando entrei para a Escola Superior de Teatro e Cinema para iniciar o curso superior de Produção. Falar do Mestre Barros é sinónimo de boa disposição e, acima de tudo, de um excelente profissional com uma capacidade incrível de motivação e de liderança. O Barros é também um contador de histórias com quem ainda tenho o prazer e privilégio de partilhar tantos bons momentos.

Lembro vários episódios com ele partilhados... A escada telescópica que colocámos sozinhos no Grande Auditório, atravessando todo o departamento de Teatro através das infundáveis rampas e culminando numa subida épica através de uma pequena plataforma elevatória, onde nem as rodas da escada cabiam, mas que a perícia do Barros lá permitiu que, com cordas e todos os acessórios por ali disponíveis, tal fosse possível... As sessões de construção de vários objetos que acompanhei com muita atenção na fábrica... A montagem de enormes marionetas (algures pela Amadora), a alturas incríveis e sempre com a segurança e perspicácia que o Mestre nos ia habituando.

Em 2002 o Barros convidou-me a integrar o projeto “Romagem de Agravados” com Direção Artística de Carlos Cabral, Direção Musical de José Pedro Caiado e Direção Plástica de sua autoria para além de toda a Coordenação do projeto. Inspirado na obra “As Tentações de Santo Antão” do pintor Hieronymus Bosch, tendo por base o texto “Romagem de Agravados” de Gil Vicente, o espetáculo consistia numa romaria, ao ar livre, de uma série de carros apetrechados de instrumentos próprios e inspirados em algumas das figuras da obra daquele pintor e que terminava numa praça onde se podia assistir à representação do texto de Gil Vicente.

Numa dessas “aventuras”, como o Barros lhes chamava, a organização do evento indicava à nossa produção o local onde podíamos deixar e descarregar os camiões que transportavam os carros e toda a cenografia. Ficava situado na periferia da cidade, o que obrigava a que se transportassem todos os carros através das ruas que conduziam até ao centro, totalizando um bom par de quilómetros... O Mestre Barros tinha a solução... Unir todos os carros através de cordas e a comandar todo este “comboio”, a sua carrinha, conduzida pelo próprio.

O percurso iniciava com algum cuidado, com o Barros sempre a controlar e a olhar pelo espelho retrovisor tudo o que se passava com o longo comboio que comandava. Isto tudo foi feito pacificamente até o Barros lhe apanhar o jeito e começar a acelerar sem se dar conta dos carros que “corriam” atrelados e com todos os colaboradores a tentar, desesperadamente, controlar as suas direções ao mesmo tempo que gritavam para captar a sua atenção... As aventuras não se esgotavam nesse dia. Cada viagem era uma aventura, mas sempre bem sucedida e com a calma, perícia e sobretudo a incrível experiência que permitia que todos os problemas não passassem de pequenos acontecimentos, que hoje se traduzem em belas memórias.

Agradeço-lhe estes e tantos outros momentos em que muito aprendi da arte do seu ofício, esperando poder continuar a contar com a sua amizade e partilha de deliciosas conversas sobre teatro.

Miguel Cruz

Em Janeiro de 2023

FALAR SOBRE O BARROS . . .

Partilho convosco um ou outro momento carismático, característico de uma pessoa por quem tenho uma profunda estima, o José Carlos Barros.

No ano 2005, encontrava-me a finalizar o curso de Design de Cena, em conjunto com outros colegas. Na altura, para o nosso exercício de final de curso, precisámos de fixar duas “pernas” no Pequeno Auditório, o auditório João Mota, com “palco à alemã”. Para isso, utilizámos duas “pernas”, provavelmente, provenientes do Grande Auditório, com “palco à italiana” e, quando pensámos na sua suspensão, ponderámos fixá-las com barrotes de madeira diretamente à teia do Pequeno Auditório (sensivelmente à cota de 7,35 metros). Então, resolvemos perguntar ao Professor Barros se poderíamos fixar as “pernas” à teia. Não me lembro muito bem, mas ele terá dito algo como “Sim, claro! Podem montar as “pernas” que forem necessárias para o exercício!”.

Naquele dia, recordo-me que era uma sexta-feira, entre as 18h30 e as 19h00 e, todos nós estávamos a pensar na hora da saída. É muito provável que, na altura, tivéssemos pensado em deixar aquela tarefa para segunda-feira, considerando ser final do dia, sexta-feira, etc.

Contudo, lembro-me que perguntámos ao Professor Barros quanto tempo demorava a fazer aquela operação e ele respondeu: “Ó rapariga, 5 minutos e isso está pronto!” (para quem o conhece, esta é umas das várias expressões carismáticas). Ele, entretanto, foi-se embora e, nós resolvemos ficar no Pequeno Auditório para executar aquela tarefa, convencidos que não iríamos ficar muito tempo. Combinámos despachar rapidamente a montagem das “pernas”, pensando que

demoraríamos, no máximo, talvez, 1 hora. A situação ficaria resolvida e, depois, poderíamos ir embora, “à nossa vidinha”. Afinal, era sexta-feira!

Tal não foi o nosso espanto, quando demos por nós, a sair da escola pela 01h00 da manhã. Afinal, aquela montagem não era assim tão rápida como pensávamos. Nós, nem queríamos acreditar na quantidade de «5 minutos» que precisámos para fazer a montagem de duas “pernas” no pequeno auditório.

Expressões como “5 minutos e isso está pronto!”, quando, na realidade, não é bem assim. Acredito, que a intenção fosse demonstrar que poderíamos fazer tudo, desde que estivéssemos dispostos a fazê-lo.

Outra expressão, que ele utilizava muito, quando os alunos lhe perguntavam se os materiais estavam bem unidos ou, por exemplo, se algo estava bem fixo, ele respondia: “Nunca mais sai!”. Nestas ocasiões, transmitia-nos segurança e confiança naquilo que estivéssemos a fazer.

Quero apenas agradecer àquele a quem chamo muitas vezes “Mestre de Cenografia”, pelos conhecimentos partilhados, pela amizade, pela troca de ideias e discussões sobre inúmeros assuntos, pela paixão que sempre transmitiu quando fala sobre o teatro e pelas questões que o envolvem, não apenas práticas, mas também, políticas e educativas. Amigo e mestre, que as nossas conversas e discussões não acabem!

Teresa Varela

Em Janeiro de 2023



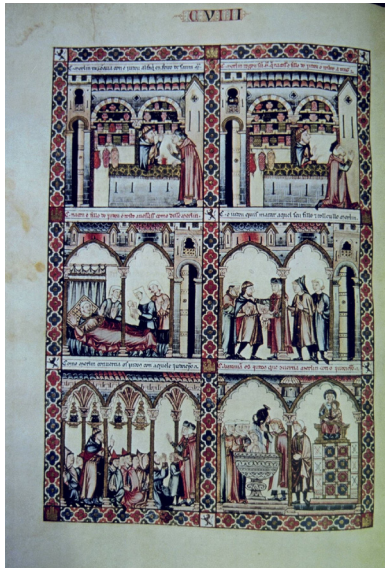
"Cantigas de Santa Maria".
 Cantiga n.º. 108, 1.º. Quadro
 Afonso X (1221-1284).



"Cantigas de Santa Maria".
 Cantiga n.º. 108, 1.º. Quadro
 Afonso X (1221-1284).



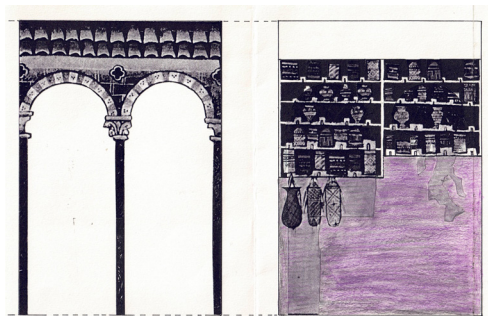
"Cantigas de Santa Maria".
 Cantiga n.º. 108, 1.º. Quadro
 Afonso X (1221-1284).



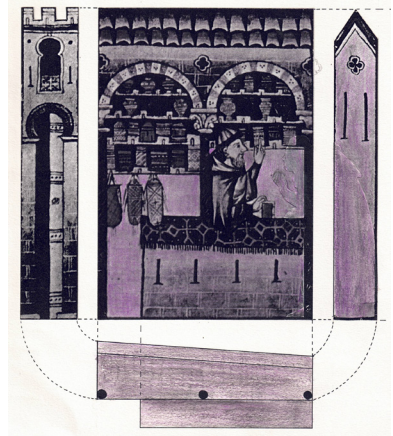
Cantiga nº. 108.
 Página do Códice do Escorial.
 "Cantigas de Santa Maria".
 Afonso X. (1221 – 1284).



Cantiga nº. 108.
 1ª. Iluminura
 "Cantigas de Santa Maria".
 Afonso X. (1221 – 1284).



Estudo para maquete.
 1ª. Iluminura
 "Cantigas de Santa Maria".
 Afonso X. (1221 – 1284).



Estudo para maquete.
 1ª. Iluminura
 "Cantigas de Santa Maria".
 Afonso X. (1221 – 1284).



Maqueta para a "Vida da Virgem".
 Capela dos Scrovegni.
 Giotto di Bondone (1267 – 1337).
 Pádua, Itália.



Maqueta para "A Família" (1988).
 Paula Rego (1935).



Maqueta para o "Casamento
 de Arnolfini" (1434).
 Jan van Eyck (1390 – 1441).
 Holanda.



Maqueta para "Las Meninas"
 (1656).
 Diego Velázquez (1599 – 1660).



Maqueta para "Vestidos
 Simultâneos" (1917).
 Sonia Delaunay (1885 – 1979).



Articulação.
Pormenor de marioneta.



Articulação.
Pormenor de marioneta.



Articulação.
Pormenor de marioneta.



Cabeças para o espectáculo
"D. Quixote"

Cabeças de Marionetas
Para o Espectáculo "D. Quixote".



Taberneiro.
Espectáculo "D. Quixote".
De António José da Silva (o Judeu).
Direcção de Carlos Barros
Centro de Arte Moderna.
Fundação Calouste Gulbenkian.



Fidalgo.
Espectáculo "D. Quixote".
De António José da Silva (o Judeu).
Direcção de Carlos Barros
Centro de Arte Moderna.
Fundação Calouste Gulbenkian.



Leão.
Espectáculo "D. Quixote".
De António José da Silva (o Judeu).
Direcção de Carlos Barros
Centro de Arte Moderna.
Fundação Calouste Gulbenkian.



Meirinho.
Espectáculo "D. Quixote".
De António José da Silva (o Judeu).
Direcção de Carlos Barros
Centro de Arte Moderna.
Fundação Calouste Gulbenkian.



Ama de D. Quixote.
Espectáculo "D. Quixote".
De António José da Silva (o Judeu).
Direcção de Carlos Barros
Centro de Arte Moderna.
Fundação Calouste Gulbenkian.



Marionetas.
"Auto da Barca do Inferno" (1986).
De Gil Vicente.
Encenação de Carlos Cabral.
Teatro Nacional D. Maria II.



Corregedor.
"Auto da Barca do Inferno" (1986).
De Gil Vicente.
Encenação de Carlos Cabral.
Teatro Nacional D. Maria II.



Anjo.
"Auto da Barca do Inferno" (1986).
De Gil Vicente.
Encenação de Carlos Cabral.
Teatro Nacional D. Maria II.



“António Vieira - Sementes da Utopia” (2008).
Encenação de Jorge Castro Guedes.
Teatro do Noroeste.
Viana do Castelo.



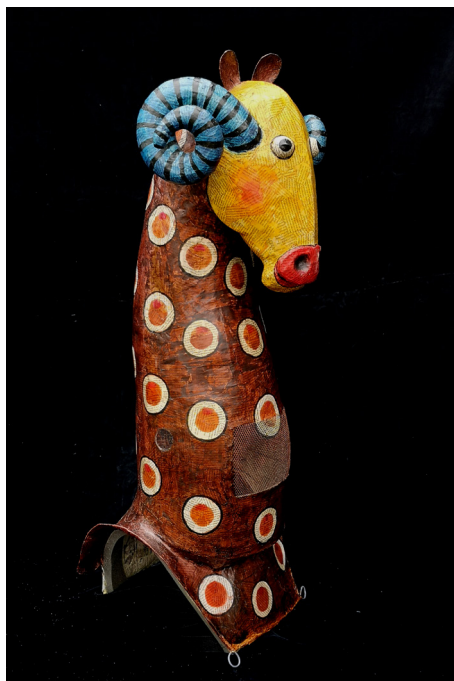
“António Vieira - Sementes da Utopia” (2008).
Encenação de Jorge Castro Guedes.
Teatro do Noroeste.
Viana do Castelo.



“O Diabinho da Mão Furada”.
De António José da Silva.
Filme “O Judeu”.
Realização de Jom Tob Azulay.



"Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu Jardim".
De Garcia Lorca.
Encenação de Carlos Barros.
Recreios da Amadora.
Amadora.



Carneiro.
"Balbúrdia".
Espectáculo de Rua.

JOSÉ CARLOS BARROS | JOSÉ CARLOS BARROS